

6. Currículo e Criatividade

Isabel Viana

Instituto de Educação, Universidade do Minho

icviana@ie.uminho.pt

Currículo e criatividade – inovar a visibilidade da invisibilidade do conhecimento plural

Hoje, com os *lugares da actividade humana* imbuídos de sentidos vários, surge a percepção de um Currículo e Criatividade que vive, e até já sobrevive, muito avalizadamente, na ordem estabelecida por uma tipologia que designaria de “Senhor do Mundo Virtual”, com o desafiador e fascinante poder de tornar visível a invisibilidade do conhecimento plural, através de um *gênero de telepatia* a inovar! Neste âmbito, interpretado como fotossíntese no processo de transformação de energia na “biosfera do conhecimento plural”, promotora da redefinição da fronteira da identidade que o virtual reconfigura (muito invisível em ambiente da actividade humana), numa assunção de alimento das nossas funções vitais, implicadas no desenvolvimento e na oxigenação da fertilização de saberes múltiplos.

Trata-se de um estado híbrido do sentir/construir conhecimento plural, perspectivado pelo “outro lado do espelho” (aqui muito focado no espaço virtual), onde é proporcionado um espaço para lá do pensamento convencional e, neste entendimento, constitui o acreditar como forma de agarrar a esperança que os sonhos substanciam. Uma esperança muito sustentada na liberdade construída em conhecimento plural, aberto, criativo e evolutivo! É um espaço híbrido entendido com redobrado potencial humano, muito incapaz de ser alcançado/objectivado no “Mundo Físico”, embora, por outro lado, para benefício deste Mundo, muito capaz de fortalecer cooperações científicas alicerçadas em saberes úteis para o dito “Mundo Actual”, porque se propõe articular as dimensões *Ciência & Humana*, enquanto substrato substantivo do “almejado” desenvolvimento glocal, que, sem a referida articulação, jamais seria viável conseguiu-lo!

As viagens deslumbrantes que, o visível do invisível do conhecimento plural, proporcionam, emergem muito desgarradoras! Interpreto-as como adrenalina gerada pelo imprevisível que converge para uma continuada desordem, muito provocatória do pensamento convencional, proporcionando ideias criativas e inovadoras, constituindo, actualmente, para vários, algo de que muito necessitamos! Talvez possa dizer que precisamos de ser brindados com o fabuloso enquadramento do imprevisível para interpelar os desafios que se nos colocam, o que poderá remeter para uma relação próxima com o impensável a reclamar decisões/iniciativas “ousadas”, com “poder” para dar conta de algo que entendamos valer a pena!! É um espaço de comunicação que se apresenta revolucionário porque muito inesperado, fazendo a diferença para o fruir de saberes plurais que resultam de curiosidades e de combinações múltiplas...

Ariana Cosme

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

ariana@fpce.up.pt

Currículo e criatividade

A criatividade como problemática educativa tende a ser abordada como uma problemática demasiado circunscrita aos domínios relacionados com as áreas da educação e das expressões artísticas. Confirma-se assim, como denuncia Best (1996), a existência de uma visão dicotomizada da pessoa humana, em função da qual se defende que há um domínio educacional que diz respeito ao cognitivo e ao racional e há um outro que diz respeito ao afectivo e ao emocional. O domínio cognitivo/racional seria o domínio do conhecimento e da razão, enquanto o domínio afectivo/criativo seria o domínio da sensibilidade e das emoções, ao qual a criatividade se associaria de forma privilegiada.

Trata-se de uma perspectiva que, do ponto de vista das suas implicações educativas, pode ser caracterizada como uma abordagem excessivamente restrita, já que tanto negligencia a importância da criatividade ao

nível das experiências educativas vividas a partir de áreas como as da língua portuguesa, da matemática, das ciências naturais ou da história, como contribui para promover uma abordagem equívoca acerca da importância educativa das artes e das experiências artísticas ao nível da formação pessoal e social dos alunos. Importa, por isso, interpelar a criatividade como problemática educativa bastante mais ampla, o que passa, neste caso e em primeiro lugar, por relacionar o estatuto circunscrito e subalterno de tal competência com as dinâmicas educativas e pedagógicas que se desenvolvem sob o beneplácito do paradigma pedagógico da instrução e, em segundo lugar, por discutir as condições institucionais, curriculares e pedagógicas que tornam possível que a criatividade seja considerada como um pressuposto e uma finalidade estratégica a perseguir nos mais diversos espaços e momentos educativos que existem nas nossas escolas.

Marlucy Alves Paraíso

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Sistemas de raciocínios generificados no currículo escolar e possibilidades de aprender

Um currículo é um território em que há permanentemente a possibilidade de aprender. Aprender é abrir-se e refazer os corpos, agenciar atos criadores, refazer a vida, encontrar a diferença de cada um e seguir um caminho que ainda não foi percorrido. Por isso, para aprender é necessário “primeiro aprender a desaprender”. Aprender a desaprender os sentidos constituídos, os significados produzidos e os pensamentos construídos para abrir em si próprio as diferenças. Mas um currículo é também um território de ensino por excelência. Ensinar é transmitir, informar, ofertar, apresentar, expor, explicar. Um currículo é um artefato que ensina, transmite e apresenta conteúdos, saberes, conhecimentos, conceitos, habilidades, competências, culturas, valores, condutas, modos de ser, estar e viver. Trata-se de uma “maquina de ensinar” que, ao exercer essa função, governa condutas, produz práticas, inclui e exclui, hierarquiza, normaliza e divide os sujeitos entre quem sabe e quem não sabe, quem é bom e quem é mal aluno, quem tem bom e quem tem baixo desempenho, quem segue e quem não segue as regras etc. Ensinar, portanto, é muito diferente de aprender. Este trabalho tem como objetivo entrar nessa arena das funções de ensinar e aprender de um currículo, para mostrar o que ele vem ensinando sobre gênero e que tem dificultado o aprender na escola. Usa para isso resultados de uma pesquisa que investigou os Projetos de Intervenção Pedagógica das escolas da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME-BH). Inspirado em conceitos e idéias-força do pensamento da diferença, especialmente de autores como Michel Foucault e Giles Deleuze, e em noções retiradas dos estudos denominados pós-gênero ou pós-feminismo – que buscam “desfazer o gênero” e produzir “subversões performáticas” para encontrar saídas e fugir de práticas que regulam, hierarquizam e classificam corpos e gêneros – este trabalho desenvolve o argumento de que para mobilizar agenciamentos possibilitadores do aprender em um currículo é necessário “desfazer-nos” de todo um sistema de raciocínio generificado que tem sido acionado nos currículos investigados; falar do lugar das “fronteiras”, desaprendendo todo um longo histórico de aprendizagens de gênero que continuam operando nos currículos escolares de modo a dificultar o aprender e a *confinar* determinados estudantes em lugares “faltosos”, lugares atribuídos aqueles considerados “problemáticos”, que falham, que não “se portam do modo esperado”. Defendo, então, que é necessário “desfazer” o feito, desmontar pensamentos e raciocínios, falar de um outro lugar que não seja o lugar de quem domina, para então encontrar a diferença que é imprescindível para experimentar o aprender, criar e viver.